

EDUCOMUNICAÇÃO: O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL A SER UTILIZADO NA SALA DE AULA

Filippo Antonio Massaruto

Lara Ferreira do Vale

Marcela Miquelon Alaimo

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar o conceito de *meme* como um gênero textual imagético e propô-lo como um dos tópicos a serem trabalhados e mais explorados em sala de aula, seja por meio de disciplinas cujo foco é a produção textual ou por uma abordagem interdisciplinar.

Palavras-chave: *Meme*. Gênero textual, Educomunicação, sala de aula

INTRODUÇÃO

É inegável o quanto a internet mudou não apenas as nossas vidas, mas as comunicações e a mídia de massa. Para a estrela hollywoodiana Joseph Gordon-Levit¹ (2010) “A mídia costumava ser de um jeito. Todo o resto do mundo só tinha que ouvir. Agora a internet está permitindo que o que era um monólogo se torne um diálogo. Eu acho isso saudável”. Seu pensamento segue a linha do que foi discutido por Pierre Levy (1999) em “Cibercultura”, referindo-se a mudança do paradigma “um por todos” pelo “todos por um”. Por causa da internet e das mídias sociais, a vida mudou radicalmente nas duas últimas décadas.

A educação, como um dos pilares da sociedade contemporânea, juntamente com a forma como ensinamos, também mudou, embora seja um equívoco afirmar que todos os países e escolas tenham adaptado a sua pedagogia para o século XX.

¹ O ator é o diretor da Hit Record, uma organização online colaborativa fundada em 2005, responsável por produzir curtas, longas, livros e CDs. <https://www.hitrecord.org/>

Ao contrário, a maioria ainda se encontra presa no século XIX. João Barroso (2008) afirma que “tudo se passa nos mesmos lugares, ao mesmo tempo e da mesma maneira. Uma escola é uma colecção de salas de aula e o ensino é uma repetição de actividades pré-formatadas, iguais todos os anos”.

No entanto, há professores e alunos ao redor do mundo prontos e dispostos a propor mudanças, trazendo para as aulas materiais que possam ser usados para entender o mundo e a sociedade de forma mais interessante, na qual o aprendizado não acontece apenas de forma passiva, mas ativa, o que significa que os próprios alunos poderão decidir o que e como querem aprender, e criar algo novo a partir disso.

Memes, como uma criação relativamente nova e engraçada, podem ser utilizados no cotidiano da sala de aula como uma forma de produção do conhecimento e análise crítica da nossa sociedade. Trabalhados também como gênero textual e aproximados dos gêneros como charge e cartum que, como o *meme*, utilizam-se do humor para comunicar uma mensagem de forma rápida, que pode ser ou não uma crítica ao estado atual da sociedade.

Na última década, as redes sociais foram invadidas por mensagens nomeadas como *Meme* e que hoje em dia preenchem boa parte dos conteúdos presentes na web, desde redes sociais como o *facebook* e *instagram* até jornais de grande circulação como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Diante de qualquer notícia de grande impacto, seja nacional ou internacional, a internet borbulha com novos *Memes*² que trazem reflexões e analisam a sociedade.

O que é importante notar sobre o *Meme*, além de sua origem cunhada e explorada pelo biólogo Richard Dawkins ainda na década de 70, é a forma como ele é um dos atuais porta-vozes dessa característica convergente que define a internet nas últimas décadas. O *Meme* pode ser criado por qualquer um na rede e, portanto, aplicado em escolas e relacionado a outros conteúdos por alunos também.

² Recentemente, o Brasil entrou numa disputa sobre Memes com Portugal no que ficou conhecido como “Primeira Guerra Memeal”. O vencedor da contenda foi o Brasil.

Pelo seu caráter fortemente intertextual, os *Memes* também podem ser entendidos por diversos grupos sociais e utilizado de forma interdisciplinar, contribuindo para a ideia de que a escola e tampouco o conhecimento, não estão, ou não deveriam estar atrelados a componentes curriculares fixos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas (BRASIL, 1998, p. 31).

O *meme* ainda possibilita trabalhar com o estudo e a leitura de imagens, uma vez que não é possível produzir e compreender um *meme* sem primeiro, é claro, aprender a interpretar imagens e textos sincréticos.

É importante ressaltar que a capacidade de ler imagens está plenamente conectada a competência do educando de ler e interpretar o mundo que o rodeia. Uma vez que a escola se pauta, majoritariamente, em formar alunos habilitados para ler e interpretar textos verbais, este artigo pretende, não apenas explorar a possibilidade de ensinar o alunado a ler imagens e com elas criar conteúdos, mas a criticá-los de forma consciente.

Santaella descontrói essa ideia de leitura pautada apenas na esfera verbal ao dizer:

A primeira armadilha que devemos evitar é aquela de se considerar que o ato de ler se restringe a seguir letra a letra os símbolos do alfabeto. “A leitura só pode se referir aos textos linguísticos de que o livro é o exemplar mais legítimo”, é o que alguns afirmam. Se assim realmente fosse, jamais poderíamos falar em leitura de imagens (SANTAELLA, 2012, p. 10)

Ainda sobre a importância da leitura do mundo, Freire (2009) afirma que ela

precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por

uma 10 certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 2009, p. 98)

O MEME

Para entender melhor o conceito de *Meme* atual e defendê-lo enquanto gênero textual a ser utilizado na escola, faz-se crucial entender a origem do termo cunhado pelo biólogo Richard Dawkins e a ideia de cultura da convergência defendida e explorada no livro homônimo sob a autoria do estudioso dos meios de comunicação Henry Jenkins.

Memes permeiam a vida em sociedade há muito tempo e não necessariamente eram enquadrados na forma como os conhecemos hoje. E ainda que o termo criado date da década de 70, seu próprio autor admite que eles sejam tão antigos quanto a ideia de cultura. Em 1976, em seu livro *O Gene Egoísta*, Dawkins (2015, p. 330) explica a etimologia da palavra:

Mimeme provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Meme guarda relação com memória, ou com a palavra francesa *même*.

Ainda na mesma página, Dawkins continua a explicar o significado da palavra e como ela é aplicada:

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação.

O *Meme*, portanto, ao contrário da forma perpetuada na internet, pode ser definido de forma ainda mais simples, o que permite trabalhar esta sequência didática sem, necessariamente, envolver alta tecnologia no ambiente escolar. *Meme* é uma ideia, um conceito, seja ela comprovada cientificamente ou não, que se propaga para a massa, independente de sua duração. Alguns *memes* terão vida

curta enquanto outros sobreviverão diversas gerações, dependendo apenas de seu conteúdo apelativo.

Dawkins defende que se um *Meme* quiser ultrapassar seu criador e sobreviver através dos séculos, precisa “dominar a atenção de um cérebro humano, tem de fazê-lo à custa de *memes* “rivais” (2015, p. 337, grifo nosso). Numa década em que a produção de ideias é acelerada e *memes* são substituídos com frequência alarmante, garantir a própria sobrevivência é, por vezes, extremamente difícil.

Assim costuma ser encarada a trajetória do docente para transmitir conteúdo para os seus alunos. Nessa analogia, entretanto, desconsidera-se a possibilidade do professor utilizar o que está ao seu redor para tornar suas aulas mais interessantes. Cultiva-se a ideia de que se *memes* precisam competir para sobreviver no pool de *memes*, o professor também precisa competir com todas as tecnologias que cercam os estudantes.

Incluir *Memes* na sala de aula, contudo, exige uma mudança de pensamento tanto do docente quanto dos seus discentes. Uma vez que *memes*, como já explicado acima, apresentam, caso não sejam explorados, um aspecto redutor, trabalhar com eles demanda responsabilidade de ambos os lados.

Paulo Freire (2001) acreditava que a educação também era sobre responsabilidade:

Não há educação para a libertação, cujos sujeitos atuem coerentemente, que não seja imbuída de forte senso de responsabilidade. O antagonismo não se dá entre a prática educativa para a libertação e a prática educativa para a responsabilidade. O antagonismo se verifica entre a prática educativa, libertadora, rigorosamente responsável e a autoritária, antidemocrática, domesticadora (FREIRE, 2001, p. 14)

Memes, são, acima de tudo, produtos da cultura da convergência. A teoria defendida e explorada por Henry Jenkins pode ser utilizada para explicar como os *memes* vieram a se tornar o que conhecemos hoje e porque é tão importante incluí-los em sala de aula.

A internet como conhecemos hoje é colaborativa. Na introdução deste trabalho foi defendida a ideia de que a internet mudou radicalmente as nossas vidas nas últimas décadas e que o conteúdo que antes era monopolizado, atualmente é produzido coletivamente por e para pessoas de diversos cantos do mundo. Assim como a educação, ninguém é dono singular e absoluto do que é produzido e do conhecimento.

Ao defender a ideia de uma cultura de convergência, Jenkins se pauta em três conceitos chaves interligados que são explorados ao longo de seu livro. São eles: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva.

Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo (JENKINS, 2009, p. 30).

É importante lembrar que para ele, a convergência não se trata apenas dos meios de comunicação e do denominador comum que a viabiliza, a internet, mas a ideia de que a cultura e o conhecimento são coletivos. Antes de se propagar pela internet, a convergência ocorre no âmbito social, nas interações sociais da humanidade. Para Jenkins (2009, p. 30):

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos as nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático (idem, 2009)

Assim é a educação; a escola em seu conjunto, comunidade escolar, deveria adotar essa prática com maior frequência. O conhecimento não é restrito a ninguém, sequer é propriedade de uma só pessoa na sala de aula. Ao encontro da ideia de Jenkins, Paulo Freire discutia em *Pedagogia da Autonomia* que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.

OS MEMES NA ESCOLA

No que concerne a função disciplinar da escola, o trabalho com os gêneros textuais tende a ocorrer por proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O que este artigo propõe é a inclusão do *meme* no rol deles.

Os gêneros textuais, por sua natureza sócio-comunicativa, não são estáticos. Devido às necessidades culturais e sociais do homem, há, atualmente, muito mais gêneros textuais do que havia nos séculos passados, como o *e-mail* e *SMS*, frutos da era digital. Bakhtin (2003, p. 262) afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Em convergência com o pensamento de Bakhtin, Marcuschi (2002, p. 22-23) diz que

[...] usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23)

Neste contexto, tomando como base outros gêneros textuais tais como a charge e o cartum, é possível afirmar que o *meme* seja um gênero híbrido que nasceu justamente da convergência dos meios teorizada por Jenkins, ou seja, um produto da natureza colaborativa da internet. Ainda assim, trata-se de um gênero que guarda semelhanças com outros, mas introduz características próprias.

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na 'transmutação' dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe pré-existe, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O *e-mail* (correio eletrônico) gera *mensagens eletrônicas* que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus

antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias (MARCUSCHI, 2002, p. 21).

Das características do gênero textual meme que se assemelham ao cartum e à charge, visto que os três trabalham com a junção de conteúdos verbais e não verbais, portanto a necessidade de se aprender a ler imagem para compreender a mensagem em sua totalidade, os três gêneros guardam uma relação de paridade com o humor e o aspecto redutor já mencionado anteriormente, que pode estar ou não relacionado ao conteúdo humorístico da peça em questão.

No entanto, o humor característico dos três gêneros pode torná-los redutores e perigosos, uma vez que sem a devida reflexão ou entendimento dos textos que baseiam o produto final, seja ele uma charge, cartum ou *meme*, alguns discursos estereotipados podem ser criados, distorcendo a identidade daquilo que se menciona.

Possenti, afirma que

[...] a identidade é social, imaginária, representada [...] tese que se opõe à suposição de que a identidade se caracteriza por alguma espécie de essência ou realidade profunda. No entanto, assumo também que o dato de que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é o seu espelho, sua cópia. Segundo, e como consequência, o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso — digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro. (POSSENTI, 2014, p. 40),

Na sala de aula, é necessário que haja o intermédio de um professor capacitado que possa considerar o caráter muitas vezes dúbio do humor e mediar os conflitos que a decorrência de uma interpretação errônea ou tendenciosa possa gerar. Ensinar nossos alunos a entender o contexto do qual o texto humorístico faz parte e quais outros textos ele se refere é primordial. Possenti (2014, p. 27, grifo nosso), defende que “os ‘textos’ humorísticos, embora, evidentemente, não sejam sempre ‘referenciais’, guardam um tipo de relação [...] com diversos tipos de acontecimentos”.

Ainda é válido ressaltar que trabalhar com um gênero textual como o *meme* nas aulas de Leitura e Produção Textual é um desafio, pois requer que o professor se inteire e conheça o universo do aluno, não apenas para conectar o conhecimento dele com o escolar, mas também para expandir seu próprio repertório cultural e se aproximar de seu alunado. Freire (2002, p. 37) afirmou que “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os argumentos expostos neste artigo, pode-se afirmar que o uso de *memes* em sala de aula como um possível gênero textual pode ser uma prática extremamente positiva e benéfica, pois traz para todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem (alunos e professores principalmente) de uma forma muito didática e eficiente, o trabalho com o imagético, com o verbal e com o conhecimento prévio de cada aluno.

Trata-se, pois, conforme já mencionado, de um conteúdo interdisciplinar que não só pode como deve ser cada vez mais explorado dentro da sala de aula, fazendo com que a compreensão de temas mais complexos seja mais facilmente assimiladas pelos alunos, uma vez que, na maioria das vezes, os *memes* fazem intertextualidade com aquilo que faz parte do cotidiano do aluno e que não necessariamente fazem parte da formação relacionado aos componentes curriculares da escola, mas sim a sua formação cidadã.

Todas essas variantes e “tipos” de conhecimento são igualmente importantes para a construção e formação do cidadão, porém, o foco que se é dado a eles na grande maioria das escolas brasileiras não é equilibrado. É cada vez mais necessário que exista uma maior preocupação das escolas com relação ao conhecimento externo e prévio de cada aluno, já que as diferentes realidades e experiências, se compartilhadas em um ambiente escolar com uma boa supervisão por parte do professor, por exemplo, fará com que os alunos se sintam mais preparados e inseridos como parte da educação.

Dessa forma, a utilização de *memes* na sala de aula, como possível gênero textual, ou como forma de descontração para facilitar a assimilação de conhecimento não só pode como deve ser estimulada por parte de educandos e educadores.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROSO, JOÃO. A autonomia das escolas: uma ficção necessária (2004). Revista Portuguesa de Educação. Braga, Portugal. vol. 17, número 002.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: Conhecimentos de Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da Autonomia. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. Política e Educação. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTINS, CATARINA FERNANDES. Quando a escola deixar de ser uma fábrica de alunos. Disponível em: <<http://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>> Acesso em: 18/10/2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros textuais & Ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. 3. ed. Campinas: Cortez, 1996.

POSSENTI, Sírio. Humor, língua e discurso. 1 ed. Contexto: São Paulo, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. Leitura de imagens. 1ª ed. São Paulo: Thomson, 2014.

